

A revolução por fazer

JOÃO MELLÃO NETO

"Enquanto as massas forem ignorantes, toda revolução será estéril, um mero revezamento das elites no poder"

(autor desconhecido).

As estatísticas do ensino, no Brasil, são razoavelmente conhecidas, uma vez que quase todos os candidatos a presidente já as decoraram e as acenam, com ar dramático e compungido, frente às câmeras de TV. O índice de desperdício no 1º grau alcança números próximos a 90%, uma vez que, de dez alunos que iniciam o ciclo, apenas um consegue encerrá-lo. Já no 2º grau o desperdício é de 70% — de cada dez que o iniciam, três apenas o concluem. Finalmente, no 3º grau, embora não existam estatísticas recentes e totalmente confiáveis, calcula-se uma evasão semelhante: no seu funil entram três e só sai um.

Embora se faça muita pesquisa com relação aos perdedores do sistema — aqueles que abandonaram o curso antes de obter o diploma — não se conhece nenhum estudo oficial referente aos supostos vencedores. E talvez não seja sequer necessário. Basta verificaria prudência com que o mercado de trabalho seleciona os recém-formados. Diploma pode dar status social, mas está longe de significar certificado de qualidade. "Adeogado" só vira advogado depois que passa nos exames da OAB. Médico tem de fazer residência, engenheiro só arranja emprego compatível se provar possuir um mínimo de três anos de experiência.

O sistema de ensino, no Brasil, vai mal. Qualquer "baxarel" sabe disso. Todos concordamos com o diagnóstico, só que poucos atentam para as causas, ninguém se preocupa em buscar as soluções. Falar em falta de verbas é fácil. Ocorre que as nossas Constituições, desde 1934, vinculam verbas, criando percentuais mínimos dos orçamentos dos Municípios, Estado e União que devem, obrigatoriamente, ser despendidos na área educacional. O dinheiro existe, está disponível por força de Lei, é aplicado no ensino e poucos resultados produz.

Com a autoridade de quem passou mais de 20 anos sentado em carteiras escolares, arrisco algumas opiniões.

Em primeiro lugar, cabe a lem-



brança de que a escola é terrivelmente chata. Passei a maior parte do meu período escolar contando no relógio os minutos que faltavam para terminar a aula. Era um mau aluno? Em comportamento, talvez. Acontece que eu gostava de ler — e foi isso que me salvou de fazer parte das estatísticas sobre evasão escolar. Ao mesmo tempo em que detestava as aulas, dedicava horas muito agradáveis à leitura da coleção "Conhecer", editada em fascículos, na minha época de ginásio. Muitas ilustrações, diagramação agradável, exemplos práticos e uma preocupação permanente em ligar os novos conhecimentos ali ministrados ao universo cultural e físico já conhecido pelo leitor: eram estes os ingredientes que tornavam o aprendizado, através da leitura voluntária dos fascículos, algo fascinante, ao contrário das aulas, sempre monótonas, abstratas e, aos olhos do aluno, sem o menor sentido. A partir de minha experiência específica, chego, por indução, ao problema da escola moderna. Nos últimos cem anos todos os campos do conhecimento

Nosso ensino vai mal: e qualquer "baxarel" sabe disso

progre-

diram vertiginosamente. Da carruagem fomos ao Concorde. Do ábaco aos supercomputadores, da medicina artesanal aos modernos centros de diagnóstico. Tudo avançou, menos o ensino, ainda embasado no tripé professor, aluno e lousa.

Será que não existem formas mais didáticas e atraentes para transferir conhecimentos de quem sabe para quem não sabe?

Existem — e "Conhecer", no meu tempo, era um eloquente exemplo disso. No campo da publicidade, milhões de dólares são gastos na criação de know-how da comunicação, adequação da linguagem para, em poucas palavras, transmitir conceitos, mensagens e idéias. Em menor escala — talvez porque o retorno financeiro não seja tão direto e imediato — o mesmo fenômeno acontece na área jornalística: tanto na mídia impressa quanto na eletrônica, todo o esforço é concentrado no sentido de transmitir notícias e idéias de forma atraente, rápida e eficaz.

Economia é uma disciplina herméica e monótona? É. Só que a série de TV *A Era da Incerteza*, produzida pela BBC de Londres, com redação e supervisão de John Kenneth Galbraith, bateu recordes de audiência

em todo o mundo, quando foi exibida. Era uma maneira nova e atraente de ensinar economia.

Nos cursinhos pré-vestibular temos exemplos interessantes de como, mesmo dentro do ensino pelo sistema tradicional, as aulas podem ser atraentes e eficazes. Pena que estes estabelecimentos conduzam seus esforços unicamente para dar uma "meia-sola" de conhecimentos para que o estudante entre na faculdade.

Minha modesta opinião é de que o ensino, no Brasil, só cumprirá de fato sua função social no momento em que alguém se dispuser a incorporar a ele todos os recursos tecnológicos que hoje existem nas demais áreas ligadas à comunicação. Investimentos nesse sentido parecem um contrasenso, em um país tão carente de escolas e professores. Não é. Mais tecnologia didática implica em menor taxa de evasão escolar, melhora a relação custo-benefício do sistema e, por consequência, libera preciosos recursos para investimento na rede física.

Tudo isso é óbvio? Sem dúvida. O problema é que, até hoje, não houve nenhum esforço sério e abrangente nesse sentido.

João Mellão Neto é jornalista.